

Cotidiano e natureza na narrativa poética de João Miranda

Cícero Joaquim dos SANTOS*

Samuel Pereira de SOUSA **

Narrativas sobre a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como um estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana (...) São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo¹.

Aos 22 anos de idade, João Miranda começou a escrever poesias. Ex-agricultor, conhecido como Joãozinho de Netonho, nasceu aos 27 de dezembro de 1940, na região serrana, do município de Porteiras, localizado no sul do Ceará, no sopé da Chapada do Araripe². Filho dos agricultores Antônio Manoel de Miranda e Ana Josefa de Miranda, deixou os estudos na 3ª série do Ensino Fundamental aos 14 anos, para dedicar-se aos trabalhos agrícolas junto à família.

Em sua velhice, voltou a reescrever versos poéticos narrativos. Seus registros memoráveis retratam as experiências do sertanejo, o imaginário e cotidiano, construindo a imagem do sertão como um lugar nostálgico, especialmente o Cariri cearense, embora também o apresente como uma região marcada por desigualdades sociais.

Nesse sentido estabelecemos uma relação entre história e literatura, pois vemos, nos escritos de Joãozinho de Netonho, a possibilidade de estabelecer um diálogo e reflexão com o passado, uma vez que esse escritor, recorrendo à literatura, valoriza em seus versos as lembranças do vivido e da memória dos caririenses referente à primeira metade do século XX, dando ênfase às relações familiares, brincadeiras coletivas, tradições religiosas, estórias populares e acontecimentos memoráveis. Tais escritos foram produzidos segundo as experiências vivenciadas pelo autor, como também as circunstâncias de escuta das estórias contadas pelos mais velhos nos momentos de conversa, nas quais as narrativas eram construídas e reelaboradas.

* Mestrando em História e Culturas na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

** Mestrando em História e Culturas (UECE). Bolsista FUNCAP.

Através da fala de um sujeito simples ao escrever literatura de cordel e poesias, tais escritos demonstram não só sua interioridade, mais também a vida cotidiana dos moradores das zonas rurais do Cariri cearense, na primeira metade do século XX. Unidos na obra “Meu Pé-de-serra”, que retrata representações memoráveis da região, os registros do autor embora apresente alguns escritos poéticos fictícios, enfatiza sempre os elementos da vida sertaneja, em especial da relação homem, cultura e natureza.

Dessa forma, nossa “proposta é historicizar a obra literária”³. Assim, buscamos refletir sobre seus versos poéticos, entendidos como narrativas segundo a concepção trabalhada por Benjamin em *O Narrador*⁴. Pretendemos analisar a convivência dos sertanejos na Chapada do Araripe e suas relações com a natureza durante a primeira metade do século XX.

Os encantos do tempo e espaço

Nos escritos poéticos de Joãozinho de Netinho pode ser identificada à nostalgia do tempo da infância e da juventude nas décadas de 40 e 50, no seu torrão natal, região serrana da Chapada do Araripe, no município de Porteiras. Tal concepção é enfatizada logo nas páginas iniciais do seu trabalho, nos primeiros versos da poesia *Meus tempos de criança*:

Nunca me sai da lembrança
Os meus tempos de criança
Lá no meu pé-de-serra
Sítio Saco em Porteiras
Não esqueço as brincadeiras
Da infância em minha terra.⁵

Nas Recordações do poeta, o período de infância é abordado como um outro tempo: um período mágico, repleto de brincadeiras e jogos coletivos, embora ele mesmo tenha se dedicado desde cedo aos trabalhos agrícolas. Nesse sentido, a dimensão do direito ao tempo livre e ao brincar são reflexões pertinentes em sua obra, demonstrando que as áreas rurais, no interior cearense, durante sua infância, eram também espaços coletivos de socialização e de trabalho. Na Chapada do Araripe, na localidade do Sítio Saco, onde viveu a infância e juventude, ele relata com fascínio as saudades do vivido:

Saia a meninada
Por aquelas matas fechadas
De baladeira e de besta
Contava história de trancoso

Daquele tempo gostoso
Só recordações me resta

Era tanta brincadeira
De galamarte, da bicheira
De cavalo de pau e de boi
Pegava passarinho de gaiola
No terreiro jogava bola
Há tempo bom que se foi.⁶

Nesses versos podemos notar a construção memorável de um tempo e um espaço permeados por encantos, agora perdidos no tempo e reforçados na lembrança. A representação da “mata fechada”, Chapada do Araripe, como um lugar de práticas de sociabilidades infantil inquieta nosso olhar. Isso nos leva a perceber que, nos arredores de suas residências, nas áreas serranas, as crianças utilizavam os lugares cercados pela mata verde, para darem liberdade a sua imaginação. Assim, faziam da floresta seu palco de diversões, o espaço onde as gargalhadas eram entoadas e se misturavam aos cantos dos pássaros, e do contrário o silêncio possibilitava a entonação de histórias fabulosas. Nele as narrativas de trancoso e as brincadeiras coletivas reunia as crianças do lugar, o que reforçava sua amizade e sociabilidade.

Isso nos fez pensar na transcendência do lugar: a metáfora da “mata fechada” que poderia ser representada como um lugar de mistérios e temores, torna-se um lugar de diversão e socialização infantil, um espaço praticado⁷. Nesse sentido, a afetividade do poeta narrador com a representação desse espaço nos levar a ponderar sobre sua lembrança, pois os lugares, como as metáforas, são detentores de memória⁸. Na continuidade de sua narrativa poética João Miranda elucida a apropriação e ressignificação dos recursos naturais pelas crianças do lugar:

Fazia brinquedos de barro
Nego, cavalo e carro
Depois queimava no fogo
Dos cajús tirava as castanhas
Dizia: vamos ver quem ganha
E já começava um jogo.

Depois do jogo de buraco
Forrava as castanhas em um saco
Daí quebrava e comia
Dali saia contente
Tomar banho na nascente
Naquela água tão fria.⁹

Esses registros além de possibilitar a percepção de aspectos coletivos da infância na comunidade interiorana do Ceará como a transformação artesanal de elementos da natureza, como frutas e o próprio barro do chão, em instrumentos de diversão, possibilita a compreensão da forte relação dos sertanejos do lugar com a natureza local, marcada, nos escritos do poeta, pelas brincadeiras nas florestas da Chapada do Araripe e os banhos nas cachoeiras e nascentes que existiam no Cariri de então. Semelhantemente, nos reforça a visão encantada do narrador sobre o seu tempo e espaço juvenil.

Dessa forma, notamos a representação memorável de uma visão que associa vivência social e meio natural, sem no entanto, causar-lhe danos. Nesse sentido, a natureza é integrada à vida social. Sua narrativa foge da clássica cisão entre homem e natureza tão presente na construção da modernidade e do saber científico¹⁰.

A relação indissociável entre o cotidiano dos indivíduos e o meio natural, em destaque das crianças, nos é reforçado nestes outros versos, nos quais as relações familiares são associadas aos elementos naturais característicos da Chapada do Araripe, como é o caso da colheita do pequi nas serras e também aos aspectos da culinária de outrora:

Eu sempre gostava de ir
Pra serra buscar pequi
Pra temperar a panela
Minha mãe às vezes mandava
E eu era um filho que gostava
Sempre de obedecer a ela

Eu sempre fui um bom filho
Sempre ajudei mãe a pilar o milho
E eu era bom no pilão
Gostava de comer angú
Com leite fervido ou cru
E também do feijão com pão¹¹

Concomitantemente, as experiências sociais dos indivíduos são narradas apresentando não apenas o dizível, mais também o indizível, aquilo que não se pode descrever, pois a memória “é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também em uma esfera irrepresentável”¹². Os cheiros da rapadura em processo, das frutas maduras que o cercava em abundância pelas matas, e os encantos do cheiro da terra molhada demonstram a sensibilidade do narrador, que logo se torna também um

encanto, um saber de quem tem o dom de narrar. Eis as palavras escritas da poesia *Recordações*:

Aquele cheiro de engenho
 Cuzinhando rapadura
 São recomendações que tenho
 E de tanta fruta madura
 Tudo isto me recorda
 Aquele feijão de corda
 Cuzinhando com pequi
 As ladeiras que vem da serra
 Que saudade da minha terra
 Bela terra onde nasci¹³

Nos escritos poéticos, o destaque ao tempo e espaço juvenil é reconstruído na memória através dos sentimentos de saudades das belezas da terra natal, na qual a natureza é exaltada. Tais versos demonstram a construção subjetiva dos amores com o espaço. E as saudades “do tempo bom que se foi” permanecem no cotidiano de sua velhice. Nesse contexto, as recordações dos encantos do seu tempo juvenil na Chapada do Araripe permanecem em seu semblante, em sua voz e registradas em palavras escritas.

Vale lembrar o valor da memória social e da oralidade no processo de construção do saber, visto que foi através da vivência social do narrador, o que inclui fortemente seus momentos de escuta, que possibilitou a elaboração de tais representações poéticas. Dessa forma, ele narra o que viveu, sentiu e ouviu. Isso nos faz lembrar que a memória é sempre uma construção processual¹⁴. Lembremos ainda que há uma forte relação entre memória e identidade social. Ambas são construídas socialmente, constroem os elementos de reconhecimento, pertencimento e identidades plurais dos indivíduos e grupos sociais¹⁵. Nesse sentido, rememorar o passado e (re)escreve-lo em versos narrativos é reforçar na memória os momentos marcantes vivenciados pelos sujeitos na comunidade, as experiências sociais e os encantos da natureza. A memória social é assim lembrada, tecida e reinventada na mesma proporção em que à natureza é exaltada.

Entretanto, as lembranças do narrador, escritas em seus versos, não se limitam a refletir tal passado como um tempo juvenil e permeado de encantos. O mesmo é também marcado pelas manifestações religiosas. As festas e procissões sagradas também fazem parte das lembranças dos seus versos. Lembremos que as festas são

ocasiões de intensificação das práticas coletivas e meio de sociabilidade. Além disso, refletem um momento de renovação espiritual. Dessa forma, se tornam lugares de memória ¹⁶.

Na primeira metade do século XX, as manifestações de fé do Cariri, como as comemorações a Santo Agostinho durante os meses de agosto, na Chapada do Araripe, sítio Saco, em Porteiras, demonstram a importância das festas religiosas para o fortalecimento do sentimento de fé e de socialização dos sertanejos residentes no interior rural do sul do Ceará.¹⁷ Eis as reflexões do poeta sobre essas festividades em seu contexto infanto-juvenil:

Há meus tempos de menino
Lembra quando batia o sino
Lá na capelinha do Saco
De Santo Augustinho o padroeiro
O protetor verdadeiro
Dos mais pobres e mais fracos.¹⁸

Esse verso nos chama atenção para o fato do narrador abordar as lembranças que emergem com o som produzido pelo sino da capela da comunidade. Isso nos possibilita perceber, não só a presença de sons, cheiros e odores na memória do poeta, mais também como os indivíduos da época percebiam a noção do tempo, tomando este como uma vivência, ou instituição social¹⁹. Além de este ser ordenado segundo os elementos da natureza, como o canto dos pássaros e o posicionamento do sol no céu, era também ordenado segundo as badaladas do sino da capela de sua comunidade, ou seja, pelas expressões religiosas.

Nas narrativas poéticas analisadas identificamos, nas comemorações religiosas de outrora, como é o caso das festividades dedicadas a Santo Agostinho, a instauração de um outro tempo: um tempo sagrado. Ao refleti-la o narrador apresenta o sentimento de fé presente em sua comunidade natal e das localidades circunvizinhas da Chapada do Araripe, o que denuncia tal festa como um elemento de formação religiosa da região. Ele reflete, ainda, os momentos de diversão da população após a cerimônia religiosa, o que representava a continuação da prática de fé.

E quando chegava o mês de agosto
A gente já via no rosto
De todos uma alegria sem fim
Uns diziam: eu vou pra festa

E outros: será que esse ano presta
A festa de santo agustim

E nas noites de novena
Aquele capelinha pequena
Ficava cheinha de gente
Que povo religioso
E pra aquele santo milagroso
Levavam muitos presentes

E quando era a noite da festa
A gente via a orquestra
De pífano, caixa de zabumba
Acompanhar a procissão
Depois na mesa do leilão
Tocar xote, baião e rumba.²⁰

Como afirma o poeta, entre os passos dos devotos nas procissões, ao som de banda de pífaros e, ao final, ao som de um forró pé-de-serra, as pessoas realizavam suas práticas de fé, vivenciando a experiência religiosa e de diversão, no que resultava em um ato de socialização. Nesse contexto, vale ressaltar a importância desse evento como um meio de integração das populações sertanejas que viviam em diferentes vilas e sítios na encosta da Chapada do Araripe. Assim, as práticas de devoção estabeleciam elos de socialização em cima da Chapada do Araripe.

A narração dessas experiências nos leva a compreender a relação entre o sagrado, o homem e a natureza. É pertinente percebermos como a representação poética analisada associa a vida do sertanejo às experiências religiosas que tem nos elementos da natureza sua forma de atuação e transmissão de saberes, como vemos nos versos da narrativa *Realidade Sertaneja*:

Como é lindo a gente ver
No sertão o amanhecer
O canto da passarada
E quando o inverno de aproxima
O sertanejo se anima
Com o cheiro da terra molhada

Do início de novembro
Ao final de dezembro
O sertanejo se prepara
Bem cedo ele deixa o rancho
Pega a roçadeira e o gancho
E vai queimar as coivaras

O dia da Conceição

Ele tem por devoção
 E confia na providência
 E o dia de santa Luzia
 Ele aproveita esse dia
 Pra fazer experiência²¹

Na narrativa identificamos um modo todo especial dos sujeitos de então de compreensão da natureza. Seus elementos atuam como vozes, que, embora silenciadas, possibilitam a transmissão de saberes construídos no cotidiano e presentes na tradição oral do povo do lugar. Tais conhecimentos são associados aos dias tidos como sagrados, em homenagens aos santos de devoção:

E no fundo do quintal
 Ele coloca as pedras de sal
 E aguarda o outro dia
 Do contrário não adianta
 Se molhar as pedras ele planta
 Na experiência ele confia

Ele diz em alto som
 O inverno vai ser bom
 Vai chover e não é pouco
 Com a experiência que aí está
 Quem quiser pode plantar
 Até na cabeça de um toco

Três experiências ele confia
 É dia de santa Luzia
 Da Conceição e São Tomé
 Nesses três não há engano
 Mais ainda tem a última do ano
 Que é dia de São José²²

Nesse contexto percebemos a relação indissociável entre o sagrado e profano, cultura e natureza, aspectos expressos nas experiências cotidianas dos sertanejos da Chapada do Araripe, vivência social retratada nos versos escritos do sertanejo narrador. Desse modo, o sagrado é refletido na natureza. E as experiências de observação desta denunciavam as temporalidades difíceis, como também os tempos de abundância. Tudo isso demonstra elementos relevantes de sua visão de mundo e compreensão da natureza, pois as ações humanas sobre o meio refletem como a natureza é concebida, representada e apropriada²³.

Nesse contexto, as representações sociais da natureza não se reduzem a concepção nostálgica da infância e ao seu sentido sagrado. Ela também se faz enigmática, pois o imaginário dos sertanejos de então também lhe atribuíam mistérios, segredos nunca decifrados, como é o caso das narrativas imaginárias presentes na tradição oral do lugar.

Natureza e imaginário

Na convivência entre amigos, na ruralidade do Cariri, era comum João Miranda envolver-se nas estórias populares que circulavam na região, pois “Um meio tem sempre dimensões imaginárias”²⁴. Caráter marcante do imaginário do seu povo, as lendas e contos populares, como a narrativa do carneiro encantado sobre a Pedra Branca,²⁵ contribuíam para o ideal de pertencimento entre as crianças e os jovens que as ouviam atentamente em grupos, nas proximidades de suas residências, pois as estórias narradas eram relacionadas a lugares próximos, o que fortalecia no imaginário dos ouvintes os mistérios da natureza das terras circunvizinhas.

No tocante à tradição oral da narrativa do carneiro encantado os porteirenses relatam, principalmente os mais idosos que, em certas noites, um carneiro encantado, brilhante como ouro, aparecia em cima da Pedra Branca e desfilava no céu da região. Saindo do rochedo, o carneiro dirigia-se até o pontal da Chapada do Araripe, onde desaparecia misteriosamente.²⁶ João Miranda assim rememora as narrativas que, na sua juventude, ouvia dos velhos, ao mesmo contexto em que demonstra os momentos em que as narrativas imaginárias emergiam: nas horas noturnas de trabalho:

As historias da Pedra do Vieira
São historias verdadeira
Quem vem da antiguidade
Eu mesmo sei de algumas
E aqui vou contar umas
Que são histórias de verdade

Foram historias gostosas!
Contadas por seu Antônio Farosa
Em noites de farinhadas
Do jeito que ele contava
A gente apreciava
E dava muita risada
Ele contava uma historia
Que eu guardo na memoria
De um carneiro d. ouro, que passava
Essa, ele cansou de contar

Que da serra do Jatobá
Ao souza o carneiro tranzitava. [sic]

Olhe preste bem atenção
Não era andando pelo chão
Que o carneiro passava
Sempre que ele viu passar
Era suspenso no ar
Segundo o velho contava ²⁷

Essas narrativas dizem respeito à convivência dos caririenses, residentes na zona rural, e suas relações com a natureza, ou melhor, suas representações, em específico dos habitantes das localidades que circundavam a Chapada do Araripe, que na primeira metade do século XX, não detinham acesso à energia elétrica e tampouco aos meios de comunicação. Tal narrativa nos alerta para a compreensão de que na localidade, como também em outras regiões marcadas por comunidades tradicionais, os seres do imaginário refletem uma representação que associa os homens, os animais e os seres encantados a uma visão indissociável da natureza²⁸. Semelhantemente, os personagens do imaginário que despertam fascínio ou temor são elementos que, ao mesmo tempo em que demonstram haver nos homens uma visão encantada da natureza, também refletem os limites humanos perante seus mistérios²⁹.

Pelo fato de rememorar em versos alguns elementos da tradição oral da população da Chapada do Araripe, em especial em Porteiras, o poeta reforça, através da narrativa, a presença de elementos do imaginário desse povo, deixando por escrito a voz do sertanejo, transmitindo-a assim às gerações posteriores. João Miranda faz alusão, ainda, às lendas do pilão, dos penitentes e das mulheres preparando o jantar, todas relacionadas à Pedra Branca, o rochedo encantado e misterioso:

Ele contava com perfeição
Que dentro da pedra se ouviu um pilão
E o canto das piladeiras
Som da armônica tocando
Se ouvia até o povo dançado
Rastano o pé na rancheira

Outra historia bunita
Que pouca gente acredita
Mais podem acreditar
Dentro da pedra se ouvia mulheres
Mechendo com talheres
Preparando a hora do jantar [sic]

Alem dele, muita gente

Contava que ouvia penitente
 Dentro da pedra a cantar
 Eu ficava emocionado
 Com o cabelo arriado
 Só em ver o povo falar.³⁰

Ouvindo o povo falar nas rodas de conversas, nas horas de trabalho e de socialização, o autor, quando mais jovem, reforçava suas crenças com as histórias narradas. Seu objetivo em nos contar tais narrativas pode representar o desejo de que as gerações do presente encontrem, na rememoração do tempo passado, os saberes e crenças dos antepassados, como também uma reafirmação da veracidade de tais acontecimentos em uma sociedade presente que busca se modernizar e que desconstrói seus vínculos com o passado. Isso nos leva a pensar no aspecto político de sua narrativa, ou seja, nas possíveis funções sociais da mesma: Rememorar o passado, projetar uma imagem no presente pensando na construção de um tempo futuro no qual tais experiências sociais sejam lembradas na memória:

Pouca gente em Porteiras
 Conhece a pedra do Vieira
 E acredita nas suas histórias passadas
 Eu que tenho uma certa idade
 Sei que é pura verdade
 Toda sua história contada.³¹

Além dessas narrativas, as lendas do lobisomem e do Vicente Fino também são narradas e se complementam. A primeira, comumente relatada em diversas localidades do Nordeste, enfatiza a existência de um homem que durante algumas noites assumia as características físicas de um lobo que circulava pelas localidades durante as madrugadas. Lembremos que “quando chegam à voz dos narradores, alguns enredos são reinventados a partir de suas próprias alegrias e dores, dos seus desejos e angústias”³². Assim nas áreas serranas de Porteiras, essa história é associada à trajetória de um homem identificado como Vicente Fino, o qual se transformava em um cachorro e passava a assombrar as populações sertanejas:

Quando eu era pequeno
 ouvia o povo falá
 tem um bicho apareceno
 na Serra do Jatobá
 era um tá de lubisômem
 uma metade de homem
 e outra de animá.

Também quando eu era menino
 o povo também falava
 que um tá Vicente Fino
 num cachorro se virava
 e andava pelo sertão
 fazendo assombração
 e muita gente acreditava.³³

Convém-nos reforçar que, além de refletir a relação do homem com a Chapada do Araripe, ou seja, com a natureza agora permeada de mistérios, tal narrativa faz menção às construções imaginárias dos sertanejos. Esses personagens passam a ter uma existência real no momento em que são narradas oralmente, demonstrando a relação entre convivência, trabalho e construção de narrativas, incorporando valores e padrões de comportamento, que por sua vez tem no ambiente natural sua referência simbólica.

Importa considerar que as formas como os grupos e as sociedades humanas concebem seres imaginários se constituem numa evidência clara da sua concepção de mundo, porque nessa última encontram-se estabelecidos os limites do que é imaginável, daquilo que é possível e impossível para o domínio do homem³⁴.

Nesse sentido, o narrador que escreve em versos tais relações, ao reconstruir a memória, demonstra o olhar de pertencimento ao seu grupo social, embora a sociedade do presente construa uma negação dessas narrativas, como o próprio poeta nos diz:

Dizem que o tá lubisômem
 quando anda pela estrada
 e arrumação de alguns homens
 atrás de namorada
 diz alguém por sua vez
 que no fina de nove mês
 pode escutar a trapaiada

Eu nunca vi lubisômem
 e nem também Vicente Fino
 adispois que me pus homem
 que deixei de ser menino
 eu sempre dei atenção
 a historia de lampião
 e do cangaceiro Antôï Silvino.[sic]³⁵

As descrenças em algumas das narrativas citadas, como as lendas do lobisomem e do Vicente Fino, refletem o que Benjamin chama de morte da narrativa. Sendo esta uma forma artesanal de comunicação, utilitária e tecida nos momentos de ouvir as estórias, de conversas e nas horas de trabalhos. Os novos mecanismos de comunicação, como o romance e a informação, ao apresentarem a notícia já enfocam também sua explicação. Contudo,

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se a ela e sem perda de tempo tem que se explicar nela. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.³⁶

Lembremos ainda que “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”³⁷. É pertinente salientar que o narrador não busca em seus escritos reescrever os elementos do passado tal qual eles aconteceram. Há uma íntima relação entre o narrado e as vivências do narrador. Semelhante a um artesão, ele dá contorno e alimenta a narrativa segundo sua subjetividade. Dessa forma, assim como o evento e os personagens abordados em tais narrativas, ele também participa das mesmas. Atua como mais um personagem que conta. Em nossa análise, o personagem narra suas experiências sociais demonstrando a íntima relação dos sertanejos da Chapada do Araripe e suas relações com a natureza encantada, nostálgica, sagrada e permeada de mistérios.

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado, compreendemos que Joãozinho de Netonho define em versos o que os historiadores produzem em pesquisas: a análise de um tempo que não existe mais.³⁸ Contudo, “enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem”³⁹. Nessa perspectiva, o autor nos aponta para a concepção de encantos presentes no tempo e espaço de sua infância. Também, para o entendimento de que o tempo tudo gasta, reforçando-nos a necessidade da recordação e do sentimento de saudade:

Mais o tempo gasta tudo
 E vai gastando a miúdo
 Deixando tudo prá trás
 Hoje só me resta saudade
 Posso dizer na verdade
 Que aquele tempo bom não tem mais.⁴⁰

Portanto, entendemos que a narrativa poética analisada contribui para a compreensão da memória e do imaginário do povo do Cariri cearense, em especial dos moradores das áreas serranas da Chapada do Araripe da primeira metade do século XX, e suas relações com a natureza. Assim ao narrar nas poesias alguns elementos da tradição oral desse povo, como os seres encantados do imaginário e a natureza sagrada, o poeta, que cursou apenas até a 3ª série do Ensino Fundamental, atua como um “narrador gabaritado”⁴¹. Ele também participou das tramas da narrativa, quer como sujeito principal dos banhos nas cachoeiras e das inúmeras brincadeiras na “mata fechada” ou como um ouvido sensível que reconstruiu na memória o canto dos pássaros e os cheiros dos engenhos e matos.

Nesse sentido, suas poesias nos soam como a voz de um agricultor que, na velhice, lembra do passado, rememora suas experiências vividas e transmite as experiências sociais dos antepassados e sua visão de mundo na qual homem e natureza estão mais envolvidos em elos simbólicos do que separados, o que nos faz pensar nos sentimentos afetivos de identidade social e pertença à terra natal não apenas relacionadas à vivência social, mais também para com os elementos simbólicos do meio natural.

Vemos, assim, que suas reflexões estabelecem um elo de continuidade com o passado e o presente do Cariri cearense. Da mesma forma, refletem a idéia de imortalizar o vivido, transmitindo para as gerações presentes e futuras aspectos histórico-culturais da primeira metade do século XX, e dos saberes retratados oralmente pelos caririenses, além das representações da natureza. Portanto, seus versos reforçam os elos que nos prendem ao passado. São retratos da experiência social desse povo que é múltipla, complexa e diversa

¹ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: Memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.p.43

² A Chapada do Araripe é um planalto sedimentar localizado nas proximidades das fronteiras dos Estados do Ceará e Pernambuco

- ³ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1998.p.7
- ⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.221
- ⁵ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. Fortaleza: Simões, 1999. p.5
- ⁶ Idem.p.5
- ⁷ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.p.202
- ⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, n.º. 10, 1993, pp. 7-28.
- ⁹ MIRANDA, op.cit.p.5
- ¹⁰ OLIVEIRA JR. Gerson Augusto. A natureza encantada dos Índios Tremembé. In: *Propostas Alternativas*. Fortaleza: IMOPEC, n. 10, 2002, pp. 10-15.
- ¹¹ MIRANDA, op.cit.p.5
- ¹² GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDOR, Jô e DOBEDEI, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. pp. 11-26. p.24.
- ¹³ MIRANDA, op.cit. p.33
- ¹⁴ GONDAR, op.cit p. 18
- ¹⁵ DELGADO, op.cit. p.46
- ¹⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, n.º. 10, 1993, pp. 7-28. p. 21-22.
- ¹⁷ Sobre a Festa de Santo Agostinho ver em Ata da Confraria religiosa de São Vicente de Paulo (1912-1924). Acervo da Casa da Memória de Porteiras.
- ¹⁸ MIRANDA, op.cit. p. 5
- ¹⁹ ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.14
- ²⁰ MIRANDA, op.cit p.6
- ²¹ Idem.p.9.
- ²² MIRANDA, op.cit. p.9.
- ²³ OLIVEIRA, op.cit.p.10
- ²⁴ GODELIER, Maurice. *Godelier: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1981.p.55
- ²⁵ Rochedo de aproximadamente 24 metros de altitude, localizado na Chapada do Araripe, no município de Porteiras. Ver Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza, 8 de jul. 1993, p. 9.
- ²⁶ Ver Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza, 8 de jul. 1993, p. 9.
- ²⁷ Versos da poesia: *Historias da Pedra Branca*, escrita em 12/06/04. Texto não publicado
- ²⁸ OLIVEIRA, op.cit .p. 13
- ²⁹ BENEVIDES, Marinina Gruska e OLIVEIRA JR, Gerson Augusto. Retratos da Memória. In: *Lugares da Memória do Ceará*. Fortaleza: IMOPEC, 2002, p. 10
- ³⁰ Versos da poesia: *Historias da Pedra Branca*, escrita em 12/06/04. Texto não publicado
- ³¹ Idem
- ³² RIOS, Kênia Sousa. Com quantos contos a vida é contada? *Raízes*. Fortaleza: IMOPEC, n.º. 48, 2004.p. 2-4
- ³³ MIRANDA,op.cit. p.13
- ³⁴ OLIVEIRA. Op.cit. p. 13-14
- ³⁵ MIRANDA,op.cit. p.13
- ³⁶ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.p. 204
- ³⁷ Idem.p.198
- ³⁸ Não nos referimos ao trabalho teórico-metodológico do historiador, mas ao objeto de estudo do mesmo: o homem no tempo passado.
- ³⁹ PORTELLI, Alesandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’agua, 2004. p. 300
- ⁴⁰ MIRANDA, João. Op. Cit.p. 6
- ⁴¹ BENJAMIN, op. Cit. p. 261